

ALÉM DAS FRONTEIRAS: ETNOGRAFIA DA ESPERANÇA COM UM GRUPO DE MULHERES ARTESÃS DA ETNIA WARAO, INDÍGENAS IMIGRANTES E REFUGIADAS EM PORTO ALEGRE.

VICTTÓRIA SOARES RODRIGUES¹; CLÁUDIA TURRA MAGNI².

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS 1 – victtoria_soares@hotmail.com

²UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – clauturra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado (em fase de qualificação) aborda a temática da esperança, dando enfoque aos processos históricos migratórios do povo Warao, a maior etnia de indígenas imigrantes e refugiados venezuelanos acolhidos no Brasil. Para isso, será problematizado o que as mulheres pertencentes a esta etnia esperam em relação ao futuro, na condição de imigrantes e refugiadas em Porto Alegre, e quais são os processos de resistência e luta envolvidos na busca pela transformação das suas esperanças em realidade.

Como objetivo principal, investigo sobre quais são as esperanças e os respectivos meios de sua efetivação realizados por mulheres indígenas pertencentes à etnia Warao atualmente instaladas na periferia de Porto Alegre. Além disto, como objetivos específicos, pretendo documentar as origens e principais motivações que ocasionaram a migração do povo Warao; identificar os principais temas abordados nos relatos migratórios e nas esperanças para o futuro; analisar qual a importância da continuidade das práticas de artesanato, em relação aos processos de expectativa e esperança sentidas pela comunidade; e compartilhar tais esperanças através do registro de grafia escritas na língua Warao.

Esta pesquisa, portanto, visa responder tais objetivos de forma colaborativa com uma liderança feminina Warao e com as mulheres desta comunidade, seguindo os moldes da antropologia desenvolvida por Jean Rouch. Segundo Rose Hikiji, este antropólogo e cineasta toma por base os processos de “historicidade, mudança e contemporaneidade” vivenciados pelos interlocutores, que “falam em seu próprio nome, contam suas vidas e sonhos” (HIKIJ, 2013, P. 113, 116).

2. METODOLOGIA

A partir de agosto de 2024, iniciei parte do trabalho de campo no Centro Ítalo Brasileiro de Assistência e Instrução às Migrações (CIBAI Migrações), em Porto Alegre. Através da inserção no trabalho de acolhimento voluntário, tive a oportunidade de conhecer um amplo espectro de migrantes que buscam apoio nesta organização, o que me permitiu redefinir o campo e o grupo focal colaborador desta pesquisa, então circunscrita a migrantes Warao.

Em fevereiro de 2025, o campo se estendeu além dos limites institucionais do CIBAI Migrações, e o grupo focal se redefiniu, restringindo-se a um grupo de mulheres pertencentes a um núcleo familiar da etnia Warao com quem dei início a uma pesquisa etnográfica, de cunho qualitativo.

O campo de pesquisa situa-se principalmente nos espaços utilizados por estas colaboradoras, isto é, a casa da família, situada na periferia de Porto Alegre, o local de reunião com as mulheres, onde elas produzem o artesanato e uma feira dominical da capital, chamada Brique da Redenção, onde passei a acompanhar a matriarca durante a venda dos produtos.

Durante os encontros com o grupo de mulheres ou durante as conversas com a matriarca da família, momentos nos quais geralmente estas revelam de forma espontânea muitos detalhes sobre sua história migratória precedente e suas esperanças, utilizei como técnicas de pesquisa, a observação flutuante proposta por Colette PETONNET (2008) e a observação participante, tal como entendida por Alpa SHAH (2017). Guiada pelos estudos de Hirokazu MIYAZAKI (2006), que almeja construir uma teoria da esperança etnograficamente informada entendendo a importância de ir além da documentação e interpretação dos anseios das colaboradoras, participando efetivamente das esperanças relatadas e atuando assim, na tentativa de cumprir o papel de “entrar nas imagens, permanecer aí, ressuscitar lhe a animação (DAGONET, p.33, 1986)”,

A fim de responder o objetivo principal da pesquisa, de investigar quais são as esperanças e seus respectivos meios de efetivação, as colaboradoras foram convidadas a fazer o registro, através da forma de grafia que lhes fosse mais conveniente. Apoio-me em BEZERRA et al. (2023, p.208), que consideram a grafia como “os rastros de vivências performatizadas ao longo do tempo, sejam elas orais, escritas, sonoras ou imagéticas”. Neste caso, através dos relatos, as grafias orais foram transcritas por mim; as grafias escritas surgem em língua warao, graças à filha e ao esposo da matriarca e por fim, as grafias imagéticas ganham cores e formas diferentes por meio das imagens das artes criadas pelas colaboradoras deste trabalho.

Futuramente, pretende-se junto das mulheres desta comunidade, a construção de um vídeo documental, que retrate, através de algumas animações, partes do mito de origem do povo Warao e seu deslocamento emigratório forçado. Em soma a isto, por meio de depoimentos, cantos tradicionais e cenas do fazer artesanal, serão retratadas as narrativas femininas e a importância do artesanato Warao.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diferentemente de outras comunidades Warao que foram afetadas diretamente pela exploração ambiental, referente à comunidade de origem das colaboradoras e núcleos familiares Warao refugiados em Porto Alegre, o motivo que precedeu a migração de parte da comunidade *Waraotuma akojo a rao*, pertencentes ao *caño Winikina*, não foi a ação direta do garimpo, mas sim a fome, resultante da falta de apoio do governo venezuelano.

No que diz respeito ao percurso de mobilidade da matriarca da família, este teve início em meados do ano de 2019, quando F. e seu esposo deixaram a cidade de Barrancas e partiram rumo à travessia terrestre da fronteira em Pacaraima, no Estado de Roraima. A vinda à região sul do Brasil foi motivada por três fatores: o luto pela perda da irmã, o desejo da matriarca em conhecer todo o Brasil e uma descoberta da filha mais velha do casal, que avistou a cidade de Porto Alegre em um mapa e motivou a mãe a conhecer a região mais ao sul do Brasil.

A partir dos relatos da matriarca, percebe-se que, independentemente das dificuldades, a união da família em resistir a uma lógica de contato marcada por vivências pungentes foi determinante para o processo de inserção e continuidade no novo território. O movimento migratório Warao em um novo território faz parte de um processo de esperança coletiva nutrida na busca por melhores oportunidades de vida.

Pensando sobre os movimentos migratórios, Frances PINE (2014) argumenta que a migração é uma estratégia adaptativa diante das incertezas socio-

temporais. Porém, indo além desta categoria de estratégia, a autora propõe que a migração pode representar igualmente um lugar de esperança, revelador sobre as temporalidades do passado, presente e futuro, em diferentes espaços e territórios.

Foi seguindo esta abordagem teórico-metodológica durante os momentos de encontro com a liderança Warao em Porto Alegre que me deparei com três pontos relatados, remetidos à esperança da família: moradia, conhecimento cultural e artesanato tradicional.

Em relação à esperança de moradia, assim como propõe Ernst Bloch (WANG, 2024), os anseios Warao se enquadram no conceito do autor sobre a busca pelo lar (Heimat). Nas oportunidades, quando abordei a questão do que era esperado para o futuro em relação à moradia, prontamente, a líder respondeu que desejava um terreno para morar com sua família. Mencionando as mudanças territoriais dos Warao, relatou que o grupo, antes da vinda da Venezuela, dormia perto do rio, porém, a situação se transformou desde então.

Durante o trabalho de campo obtive diferentes percepções na presença destas mulheres Warao, não somente em relação às transformações sociais advindas da migração, mas também sobre como as atividades participativas, realizadas pela líder F. e pelas demais mulheres Warao em eventos de cunho político, cultural, acadêmicos e nas práticas de artesanato, possibilitam o compartilhamento de suas esperanças, lutas diárias e reivindicações, trazendo assim maior visibilidade à causa dos indígenas refugiados e a possibilidade de novos horizontes de ação em busca de um lar.

4. CONCLUSÕES

Para os indígenas imigrantes e refugiados da etnia Warao, trilhar as fronteiras dos países latino-americanos não é uma tarefa fácil, visto como os desafios enfrentados durante e após o percurso migratório por vezes são semelhantes aos vivenciados na Venezuela, principalmente no que se refere à falta de amparo cometidas por parte do Estado e pelo contato com o homem branco, não indígena (TARDELLI, 2023; CIRINO, SANTOS, CARVALHO, 2024).

O grande percurso migratório trilhado pela principal interlocutora, F. se mescla a estas tramas históricas das políticas ambientais venezuelanas que promovem a fome e a expropriação dos Warao de seu território ancestral. A união familiar e o movimento das mulheres em manterem as tradições foi a força motriz para a resistência e os processos de adaptação do povo Warao em um novo território no Brasil.

Sobre os processos de articulação das mulheres indígenas, é importante refletirmos que a infinita sabedoria ancestral de mulheres indígenas tem promovido um amplo movimento em redes, em prol da articulação política. Lutando por direitos e por melhores condições de vida, estas mulheres trazem em suas vozes o debate acerca da integridade da terra e dos corpos indígenas (SCHILD, 2023).

Historicamente os povos indígenas foram pioneiros em defender a necessidade de reflexão e reparação dos efeitos históricos devastadores da colonização, afinal no debate sobre os territórios existe a luta pela continuidade dos costumes e tradições. Diante desta luta, cada mulher indígena possui um caminho a trilhar, por vezes longe das terras onde jazem sua ancestralidade. Entretanto, nestas trilhas não existem somente as rupturas com o território tradicional, mas também possibilidades de aprendizagem, trocas que marcam memórias e gerações (SCHILD, 2023).

Conforme o exposto sobre o movimento de articulação e luta das mulheres Warao, percebemos não somente as manifestações de esperança por moradia, mas também como cada corpo ali foi marcado pelo território ancestral no rio Orinoco. Em Porto Alegre, a busca por um lar não é um movimento de ruptura, mas sim de continuidade, de esperança de conquista de um lar que possibilite a liberdade de perpetuar os costumes, a espiritualidade, o idioma, o artesanato, e tantas outras tradições que serão mantidas e transmitidas por elas para as novas gerações de Waraos nascidos no Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, D. B ; et al. Etnografias multissensoriais e mediações antropológicas: A experimentação como forma de errância. **Illuminuras**. v.24, n.34, 2023, 241-271. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.130192>.

CIRINO, C. ; SANTOS, J. ; CARVALHO, R. Comunidades “ Warao A Jonoko ” e “Warao Yakera Ine”: resiliência e luta dos indígenas imigrantes refugiados venezuelanos contra a violação de direitos no estado de Roraima. **Geplat Papers**. S.l, p. 01-14. 2024. Disponível em: <https://geplat.com/papers/index.php/home/article/view/142/121>.

DAGOGNET, F. **Bachelard**. Lisboa: Edições 70, p.102, 1986.

HIKIJ, R. Rouch Compartilhado: Premonições e Provocações para uma Antropologia Contemporânea. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 14, n. 32, 2013. Disponível em: DOI: 10.22456/1984-1191.37743.

MIYAZAKI, H. Economy of Dreams: Hope in Global Capitalism and Its Critiques. **Cultural Anthropology**, v. 21, n. 2, p. 147–172, maio 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1525/can.2006.21.2.147>.

PETONNET, C. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, n.25, p.99-111, 2008.

PINE, F. Migration as Hope: space, time, and imagining the future. **Current Anthropology**, v. 55, n. 9, p. 95-104, ago. 2014. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/676526>.

SCHILD, J. **Articulação das Mulheres Indígenas no Brasil: em movimento e movimentando redes**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Doutorado em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 204 p. , 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/251685>.

SHAH, A. Ethnography? Participant observation, a potentially revolutionary praxis. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, n.7, v.1, p.45-59, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14318/hau7.1.008>.

TARDELLI, G. Os Caminhos dos Warao. Configurações dos deslocamentos entre Venezuela, Brasil e Guiana. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 341-370, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-6524.130934>

WANG, W. The “Ontology of Hope” of Ernst Bloch’s Philosophy System. **Scientific and Social Research**, v. 6, n. 12, p. 256–262, 31 dez. 2024. Disponível em: DOI: 10.26689/ssr.v6i12.8989